



## Piquenique antropofágico: ossos são mais importantes que ouro

### *Anthropophagic picnic: bones are more important than gold*

Lucia Helena Ramos de SOUZA

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

[lucia.helena.ramos@ufrj.br](mailto:lucia.helena.ramos@ufrj.br)

Maria de Mello MALTA

Instituto de Economia e Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

[mariamalta@ie.ufrj.br](mailto:mariamalta@ie.ufrj.br)

Bruno BORJA

Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Campus Nova Iguaçu)

[borja.bruno@gmail.com](mailto:borja.bruno@gmail.com)

**Abstract.** *The “fall of the sky” seems imminent, says a Yanomami shaman, and the world's emergencies: armed conflicts, expansionist wars, fundamentalist polarizations, rampant consumerism and the climate and humanitarian crises, seem to confirm it. The article proposes a brief look at ancestral, anthropophagic knowledge, based on the sacred, the common and the poetic - an anthropophagic epistemology. It points to the possibility of other ways of being in the world - where not everything is a product and commodity (matihí), a source of accumulation and the fruit of exploitation of man and nature. Ultimately, bones are worth more than gold. In a time-place of meeting and recognition, a ritual, an anthropophagic picnic.*

**Keywords:** *Anthropophagy. Poetry. Epistemology.*



**Resumo.** A “queda do céu” parece iminente, diz um xamã yanomami, e as emergências do mundo: conflitos armados, guerras expansionistas, polarizações fundamentalistas, consumismo desenfreado e as crises climática e humanitária, parecem confirmar. O artigo propõe um breve olhar sobre o conhecimento ancestral, antropofágico, pautado no sagrado, no comum e no poético - uma epistemologia antropofágica. Aponta para a possibilidade de outras formas de ser e estar no mundo - onde nem tudo seja produto e mercadoria (matihí), fonte de acumulação e fruto de exploração do homem e da natureza. Enfim, que ossos tenham mais valor que ouro. Num tempo-lugar de encontro e de reconhecimento, um ritual, um piquenique antropofágico.

**Palavras-chave:** Antropofagia. Poesia. Epistemologia.

Recebido: 29/09/2024 Aceito: 31/03/2025 Publicado: 06/04/2025

DOI:10.51919/revista\_sh.v1i0.457

## 1. A queda do céu

Chegou a hora, em suma; temos a obrigação de levar absolutamente a sério o que dizem os índios pela voz de Davi Kopenawa - os índios e todos os demais povos “menores” do planeta, as minorias extranacionais que ainda resistem à total dissolução pelo liquidificador modernizante do Ocidente. (Viveiros de Castro, prefácio O recado da mata. Kopenawa; Albert, 2015, p. 15)

O livro *A queda do céu*, palavras de um xamã Yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, alerta que o céu se move e sempre é instável, mesmo que o centro esteja ainda firme, as beiradas já estão bastante gastas e frágeis, torce e balança e com estalos aterrorizantes, os pés tremem tanto que até os espíritos, os *xapiris*, ficam apreensivos! E se não fossem os *xapiris*, a abóbada celeste já teria despencado. Eles nos protegem - a todos nós, indígenas e “brancos” - das coisas ruins como a escuridão, a fome e a doença. E os xamãs trabalham para fazer dançar os *xapiris*, para que o céu fique no lugar (2015, p. 196-216).

Atualíssimo “depoimento-profecia”, como nomeia o prof. Eduardo Viveiros de Castro, no prefácio de *A queda do céu* (Kopenawa; Albert, 2015), “porque a hora, claro está, é péssima” - “maquinação política que tem como alvo as áreas de preservação ambiental, as comunidades quilombolas, as reservas extrativistas e em especial os territórios indígenas”. Atualizando para o ano de 2023, a política de extermínio dos povos indígenas. Os motivos: “agronegócio, mineração e especulação fundiária”.

Durante o período de pandemia da COVID-19, a negação ao direito à vacina e cuidados para conter e cuidar das infecções - a omissão do governo (Bolsonaro, 2018-2022) levou a óbito mais de 1000 indígenas incluindo o cacique Yawalapiti e militante da causa indígena, Aritana, que faleceu por COVID-19, aos 71 anos. Além dele, muitos outros líderes indígenas como: “Nelson Mutzie Rikbaktsa, de 48 anos, Dionito José de Souza Macuxi, de 52 anos, Amâncio Ikon

Munduruku, de 60 anos, e Paulinho Payakan, de 67 anos. O cacique Raoni, de 89 anos, também foi infectado, mas conseguiu se curar após dez dias de hospitalização”. Como nos informa a agência Senado, em matéria de 7 de agosto de 2020 - início da pandemia e já contabilizava 646 óbitos e mais de 23 mil infecções entre indígenas brasileiros. Em uma população de 813 mil indígenas, 2,8% morreram de infecção. Mais de 162 povos foram afetados (Westin, 2020).

Além da pandemia, os ataques de grileiros e garimpeiros destruindo povos, florestas e terras demarcadas. E o escândalo do ataque aos Yanomami da forma mais abjeta: a fome, a desnutrição e a morte de mais de 100 crianças nessas condições impostas pelos invasores. E ainda denúncias de assédio, violação e prostituição desses povos. Nos anos do quadriênio 2018 a 2022, a sociedade brasileira assiste a desmobilização e paralisação de órgãos como FUNAI (Fundação Nacional do Índio), IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e universidades e institutos federais de ensino e pesquisa. E mesmo após a Constituição de 1988, que reconhece os direitos originários dos povos indígenas sobre suas terras, e a eleição em 2022 de um governo democrático popular, que foi eleito com a proposta de defender os povos indígenas, quilombolas e o meio ambiente, é apresentado, e segue no Congresso, um projeto de lei indecente e inconstitucional (conforme decisão do STF) - a PL do Marco Temporal - que pretende retirar o direito dos povos originários de suas terras ancestrais, entre outras maldades.

Por outro lado, a crise climática - se antes ainda havia dúvida, negacionismo e descaso - agora parece óbvia. Além de todos os fenômenos que estamos vivenciando, de degelo dos pólos a seca absoluta e nunca vista em regiões como na Amazônia, de onde se pode concluir que nada é para sempre e tudo pode se transformar a qualquer momento - “tudo que é sólido e estável se desmancha no ar” (Marx; Engels, [1848] 2005, p. 43). Alguns cientistas afirmam que a Região Amazônica é irmã siamesa do Saara, desde a antiga Pangea, e pode virar um deserto, mesmo que pareça impossível que tanta água e tanto verde possam acabar. Como pode acabar? Como podem os rios voadores se dissolverem ou virarem fumaça? Como pode a capital do Estado do Amazonas virar noite em pleno dia de tanta fumaça das queimadas durante um período de vazante nunca vista? E nem era um período de seca! - aqui vale esclarecer que a Amazônia Central possui quatro estações de regime fluvial: enchente [fevereiro a abril], cheia [maio a julho], vazante [agosto a setembro] e seca [de outubro a dezembro] (Pereira, 2007, p. 17).

Diz o filósofo André Comte-Sponville (2001, p. 57) que “só esperamos o que somos incapazes de fazer, o que não depende de nós. Quando podemos fazer, não cabe mais esperar, trata-se de querer.” E por isso, tudo e tanto, a urgência de ler, saber e falar “desesperadamente” de “a queda do céu”.

## 2. Antropofagia

É um rito de passagem / de queimar um tempo morto, / e preparar com as cinzas / a alquimia de outros Poemas. (José Celso Martinez Correa, em Posfácio da peça A Morta, de Oswald de Andrade. (Teles, 1995, p. 219)

Antropofagia, segundo o verbete da Wikipedia, é “o ato de comer uma ou várias partes de um ser humano”. E a ele, várias opções, receitas e vasto cardápio. Adriana Calcanhoto diz que tem vontade, desejo de comer Caetano (Veloso) e diz na letra da música “vamos comer Caetano, vamos devorá-lo, degluti-lo, mastigá-lo, vamos lambe sua língua”. Antes Caetano já havia informado que também gosta de língua: “gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões, gosto de ser e estar”... e completa seu gosto e desejo: “a língua é minha pátria, e eu não tenho pátria, tenho mátria e quero fráttria”.

O ritual antropofágico dos Tupinambás chega dos europeus e até os dias de hoje, principalmente, através de relatos de estrangeiros, colonizadores, como todos os vícios da ideia do outro como exótico, estranho, alienígena, selvagem, bárbaro, etc. Nesse caso, o mais famoso relato, do alemão Hans Staden, no seu livro História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com essa Impressão, ou Duas Viagens ao Brasil, de 1557. Hans quase virou comida, mas sobreviveu para contar a história, ou o seu lado da história.

Oswald de Andrade talvez estimulado por esses primeiros relatos e vendo neles um Brasil singular, lançou mão do conceito para propor um movimento cultural, o movimento modernista, e escrever seus Manifestos Antropófago (1928) e Pau-Brasil (1925): “Bárbaro e nosso”, por mais que a palavra moderno se mostre deslocada nesse contexto. Mas se os textos e poemas - como o Caramuru, de Santa Rita Durão condenam e reduzem o indígena e “legítima a empresa épica do extermínio do corpo e das culturas indígenas”, exaltando o colonizador como herói: “que o peito soube domar à fera gente”, Oswald, segundo Antonio Candido, fez “vazar o exótico nacional no sistema erudito”. E, junto com outros autores, transformou, “a antropofagia em traço da identidade brasileira”. Segundo Eneida Leal Cunha, a devoração alegre e ativa proposta por Oswald implica em “abrir-se para culturas e civilizações outras, mas a partir de um lugar nosso, brasileiro, que mesmo dependente, não é degradado”. Ao bispo Sardinha, admiração nossa e nossa vingança. “Devoramo-lo. Não tínhamos, de resto, nada mais a fazer.” (Teles *et al.*, 1995, p. 52 - 54).

Na simbologia arquetípica, os ossos representam a força indestrutível. Eles não se prestam a uma fácil redução. Por sua estrutura, é difícil queimá-los e praticamente impossível pulverizá-los. Nos mitos e histórias, eles representam a alma/espírito indestrutível. Sabemos que a alma/espírito pode ser ferida, até mesmo mutilada, mas é quase impossível eliminá-la. (Estés, 1992, p. 49)

Em A queda do céu, o xamã Kopenawa relata o rito funerário yanomami, de luto e de cremação dos mortos: após a queima dos ossos, “os convidados de casas amigas comem um pouco das

cinzas de seus ossos ainda quentes, tiradas do fundo do pilão em que acabaram de ser moídas”. O restante das cinzas será guardado em cabaças (*pora xi*), para ser bebido ou enterrado nas festas *reahu*. Misturam com mingau de banana e bebem “com cuidado até a última gota.” Os antigos, conta, esfregavam as cinzas dos valentes com urucum na testa e no peito dos mais jovens. Acreditavam que assim chamavam a imagem de bravura guerreira do falecido, contagiando os jovens para também torná-los corajosos. Além disso, todos os seus pertences do falecido serão destruídos “durante as lamentações das festas *reahu* em que suas cinzas serão postas em esquecimento”. Apenas alguns “objetos órfãos, *hamihi*” são guardados pelos que choram o morto. Que deve conservá-los até sua morte, e após serão também queimados (Kopenawa; Albert, 1999, p. 416-417).

Nos detalhes da narrativa do xamã, um chama atenção, as mãos. “Quando queimamos os ossos de um homem pródigo, qualquer que tenha sido a causa do seu falecimento, somos especialmente cuidadosos com os ossos de suas mãos.” São elas que distribuíam como generosidade os alimentos e bens. E olhar aqueles dedos será de grande tristeza e saudade. Por isso, toda atenção é necessária para que não se perca nenhum pedacinho de osso que seja durante o ritual. Como se dissessem que sentem falta daquela generosidade, valentia e alegria (Kopenawa; Albert, 1999, p. 417).

A generosidade para os Yanomami está ao lado da valentia e da alegria. Não é qualquer morto que se chora, nem se “come”.

Quando morre um sovina, nem uma pessoa sequer faz luto por ele. É verdade. Ninguém pode ter amizade ou saudade de alguém que sempre ignorou o sofrimento dos que passam necessidade. As pessoas comentam sua morte dizendo: É bom assim! Ele não parava de nos encher de raiva com suas recusas. Não vamos ficar tristes! Ele não tinha nenhuma generosidade e não se preocupava conosco! E então os bens que deixou são destruídos e jogados fora, sem saudade da sua ausência. (Kopenawa; Albert, 1999, p. 416)

Mas, e se ao contrário, é um homem generoso que morre? Todos ficam comovidos e choram. E se tiver sido morto por flechas inimigas, “muitos estarão dispostos a vingá-lo”. E aos prantos batem as palmas das mãos e dão batidinhas na testa e nas mãos do falecido. E até os espíritos também choram, se for um xamã (Kopenawa; Albert, 1999, p. 416).

### 3. *Matih*

No meio da floresta, alheios a tudo, dois meninos brincam como de costume nadando alegremente como peixes no rio Uraricoera. Silêncio sobre suas identidades. Os Yanomami não gostam de ouvir o próprio nome, nem o apelido de criança. Apenas quando ausentes se pode nomeá-los. [...] Ali perto, máquinas infernais – as dragas e os dragões do garimpo ilegal - emporcalham o rio e “*sugam terra, sugam água, comem tudo atrás do ouro*”. Vomitam mercúrio. A enorme mangueira espiralada da draga, esticada como uma cobra grande, se prepara para dar o bote. Escancara sua boca voraz e engole as duas crianças, que são tragadas, cuspidas e arrastadas já mortas pela correnteza. No dia seguinte, um corpo

infantil flutua. [...] Não foi mero acidente, mas um crime cometido pelos *Napë*, os forasteiros inimigos que pertencem ao “**povo da mercadoria**” [grifo nosso]. Cerca de 20 mil garimpeiros invadiram o território Yanomami e lá se instalaram protegidos e incentivados pelo governo Bolsonaro, cujo projeto genocida de extermínio étnico vem sendo alardeado desde a campanha eleitoral, com a promessa de abrir os territórios indígenas para a mineração. (Bessa Freire, 2021)

Na língua Yanomami os objetos dos brancos tem um nome: *matihi*. Mercadoria. Palavra antiga, já nomeou adornos, adereços de caudas de arara, e rabos e tucano, braçadeiras de cristas de mutum e jacamim para ornar os braços e penas de papagaio e *cujubim* para o lóbulo das orelhas. *Matihi* também era a caça que emprestava suas penas para os adornos. Para que os rapazes pudessem ficar cobertos de *matihi*. Para os xamãs essa palavra designa tudo que pertence a Omama e aos *xapiris* que ele criou. *Matihi* evoca a beleza de quem os criou e faz pensar neles. Mas quando um Yanomami morre, seus ossos recolhidos e separados das carnes também será chamado de *matihi*. Porque “os ossos e suas cinzas são coisas que não se pode destratar!” Quanto mais se for de um homem valente, trabalhador ou um xamã (Kopenawa; Albert, 1999, p. 408).

Nossos antepassados nos deram essa palavra poderosa [*matihi*], porque o valor que damos a essas coisas é maior até do que o que os brancos dão ao ouro que tanto cobiçam. (Kopenawa; Albert, 1999, p. 409)

Os *matihi* dos brancos pareciam tão lindos e valiosos, e os brancos tão engenhosos, que os antigos Yanomamis começaram a desejar suas mercadorias, e por isso deram a elas o nome de *matihi*. Depois, aprenderam os nomes de cada uma delas: machados, facões, panelas, espelhos, pano, redes, espingardas. Nem imaginavam que esses objetos traziam em si as epidemias e a morte (Kopenawa; Albert, 1999, p. 409).

Segundo o autor, as palavras mercadoria e dinheiro se espalharam por toda a terra dos ancestrais dos brancos. Por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido. E o pensamento do homem branco foi invadido pela noite. Fechou-se. E puseram-se a cortar árvores, maltratar a terra e a sujar os rios. Sua terra é doente e nem a água dos rios podem mais beber. E querem fazer a mesma coisa com a terra dos indígenas. É uma paixão pela mercadoria (Kopenawa; Albert, 1999, p. 407).

Eu não diria ao meu filho: quando eu morrer, fique com os machados, as panelas e os facões que eu juntei!. Digo-lhe apenas: quando eu não estiver mais aqui, queime as minhas coisas e viva nesta floresta que deixo para você. Vá caçar e abrir roças nela, para alimentar seus filhos e netos. Só ela não vai morrer nunca!. (Kopenawa; Albert, 1999, p. 410)

De forma muito poética, o xamã Kopenawa aborda a questão da acumulação na sociedade dos brancos. Diz que quando era mais jovem visitou a capital do Amazonas, Manaus, e ainda Boa Vista, em Roraima, e ficou confuso com tantas mercadorias amontoadas e empoeiradas. E se

perguntava para que tantas redes, machado, envelhecendo sem que fossem distribuídas para ninguém. Diz que entendeu que os brancos são apaixonados por elas e que só querem ficar de olhos nelas, com ciúme. O mesmo com alimentos, empilhados, e se alguém pede, nunca dão sem que se faça algum trabalho para eles. Ele não entende o conceito de negar comida a um visitante. Quando tem muita comida, os Yanomami fazem festa convidando as casas vizinhas, para que todos possam saciar sua fome, sem sovinice (Kopenawa; Albert, 1999, p. 419-420).

Suas mercadorias não são tão preciosas quanto eles dizem, são o pavor que eles têm de sentir falta delas que os faz aumentar seu valor. Uma vez velhos e cegos, dará mesmo dó vê-los ainda agarrados a elas! Mas, quando morrerem, vão ter de largar todos esses objetos de qualquer jeito! Aí vão abandoná-los, quer queiram quer não e seus parentes não vão parar de se desentender para pegá-los. Isso tudo é muito ruim. Fabricando e manuseando tantas mercadorias, os brancos devem pensar que ganham muito nome. Mas não é nada disso. Para que assim fosse, teriam de ser menos mesquinhos. Aí, quem sabe, gente distante, como nós, acabaria falando deles com contentamento e os guardaria no pensamento. (Kopenawa; Albert, 1999, p. 420)

## 4. Conclusão

O que fazem os brancos com todo esse ouro? Por acaso, eles o comem? (Kopenawa; Albert, 1999, p. 407)

Direto ao ponto, os “homens brancos” e suas sociedades matam e morrem por suas mercadorias. Destroem povos, florestas e rios para ter insumos para suas mercadorias, que lhe darão dinheiro e poder, para obterem lucro e dinheiro, para comprar mais mercadorias.

O que remete a piada do executivo que foi tirar férias em uma aldeia de pescadores e tenta convencer um pescador sortudo que poderia utilizar tecnologia e contratar outros pescadores e assim ficar rico. O pescador pergunta para que? Para ganhar mais dinheiro e poder viajar e tirar férias! Para que? Para conhecer lugares paradisíacos. Como esse? A ideia parece boa, mas acontece que eu já moro aqui.

A crise econômica e a crise ecológica resultam do mesmo fenômeno: um sistema que transforma tudo – a terra, a água, o ar que respiramos, os seres humanos – em mercadoria, e que não conhece outro critério que não seja a expansão dos negócios e a acumulação de lucros. [...] um processo infinito de acumulação de mercadorias, acumulação do capital, acumulação do lucro, que é inerente à lógica do capital. (Lowy, 2013, p. 79-80)

Os Yanomami afirmam que a vida é mais importante e não se compra. Caindo o céu nada restará para comprar. O seu modo de vida mostra que há um caminho de conviver com a natureza sem destruí-la. Sem destruí-los, os povos indígenas, os povos originários.

Os utópicos são aqueles que apresentam uma bela perspectiva de futuro, e a imagem de outra sociedade, o que é obviamente necessário, mas não é suficiente. O ecossocialismo não é só a perspectiva de uma nova civilização, uma civilização da solidariedade – no

sentido profundo da palavra, solidariedade entre os humanos, mas, também, com a natureza –, como, também, uma estratégia de luta, desde já, aqui e agora. (Lowy, 2013, p. 79-80)

O convite é para um novo olhar, por outra ótica, um ritual antropofágico, de ser outro, comer do outro, no exercício de "outridade", como propõe o poeta Octavio Paz (1976, p. 102): "a poesia é entrar no ser". Exercitar essa diversidade, essa outra possibilidade: pelo sagrado, pelo comum e pela poesia. Uma epistemologia antropofágica, uma comensalidade generosa, uma hospitalidade radical, não colonial nem dependente, mas que escolhe e devora.

Esse artigo tentou superficialmente alinhar essa intenção. A ação poética Piquenique Antropofágico - ensaio aberto para poetas e pesquisadores, faz parte da pesquisa de tese com o mesmo título, da autora, e pretende exercitar o corpo nessa possibilidade comensal e comunal de dividir a mesa, generosamente.

O Poeta é o insuflador do fogo do amor louco / em todos os palcos, / no das Academias emboloradas, / sem esperança de virar bom queijo, / sem os calores da Poesia, / também. / Bobagem chic do pós-moderno, / é matéria-prima da cinza para o Poeta / quando rompe com o fascínio dos cemitérios / e incinera seu próprio cadáver. (José Celso Martinez Correa, em Posfácio da peça A Morta, de Oswald de Andrade. TELES *et al*, 1995, p. 220).

## Agradecimentos

Aos poetas e contadores de histórias, ao coletivo Balalaica, aos participantes dos projetos Fora de Área, Jogos Poéticos e Livros na Roda. E a equipe do projeto Piatam/Cognitus - ferramentas cognitivas para a Amazônia.

## Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Referências

- BESSA FREIRE, José Ribamar. Crianças Yanomami detrás do céu: “Genocídio”? **Site Taquiprati**. Publicado em 24/10/2021. Disponível em: <https://www.taquiprati.com.br/cronica/1610-criancas-yanomami-detras-do-ceu-%E2%80%9Cgenocidio%E2%80%9D>. Acesso em: 28 out 2023
- COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade desesperadamente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro : Rocco, 1994.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista. In **Caderno CRH**. Dossiê. Salvador, v. 26, 67, p. 79-86, Jan./Abr. 2013.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu** - palavras de um xamã yanomami. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. 4ª ed. 150 anos. São Paulo : Boitempo, 2005.

TELES, Gilberto Mendonça *et al.* **Oswald Plural**. Rio de Janeiro : Ed. da UERJ, 1995.

WESTIN, Ricardo. Atingidos pela pandemia indígena contam seus mortos e acusam governo de omissão. **Agência Senado**. Publicado em 7/8/2020. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/08/atingidos-pela-pandemia-indigenas-contam-seus-mortos-e-acusam-governo-de-omissao>). Acesso em: 25 out. 2023

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo : Perspectiva, 1976.

PEREIRA, Henrique dos Santos. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas. In. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, Henrique dos Santos Pereira, Antônio Carlos Witkoski (orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. UFAM, Projeto Piatam. Manaus : EDUA, 2007.